

# Uma questão de estrangeirismo<sup>12</sup>

Mariano Horenstein<sup>3</sup>, Córdoba

RESUMO: Embora a psicanálise seja uma disciplina que pertence à área da cultura, à mais humana dos territórios humanos, e como tal ultrapassa o espaço estreito de um consultório, a dimensão mais psicanalítica da psicanálise, vale a tautologia, é a clínica. Não porque a prática clínica é essencial para falar de psicanálise, mas porque qualquer especulação que atraia o aparelho conceitual psicanalítico foi regado, em suas origens e em cada momento, nesse território impossível, sempre em risco, de resistência, de subversão, de preciosa particularidade, que é o espaço de um sujeito deitado sobre um leito que fala do seu sofrimento, diante de uma escuta que tenta renunciar aos seus pressupostos, aos seus preconceitos, ao seu desejo de dominação, dando espaço a perguntas que não têm lugar em outro local.

PALAVRAS-CHAVE: cultura, psicanálise, sofrimento humano, estrangeiro.

Os psicanalistas sabem bem que nossa disciplina não é filosofia nem literatura. Embora tanto Freud e Winnicott como Lacan, entre outros, reconheceram que o poeta sempre antecipa o psicanalista na descoberta de nossa matéria. Ainda assim, o único prêmio recebido na vida por Freud foi literário e não científico.

Apesar de enfrentarmos a proliferação de fórmulas vazias e repetidas que encontramos em grande parte da literatura analítica, ler literatura pode ser uma prática frutífera para desenvolver destreza na percepção, atenção

---

1. Tradução para o português: Luana Garcia Rodriguez.

2. O conteúdo deste texto fez parte de uma apresentação na Associação Psicanalítica de Córdoba e é parte do livro *Psicanálise em língua menor*, Vento de Fundo, Córdoba, 2016.

3. Psicanalista, membro efetivo da Associação Psicanalítica de Córdoba, Argentina. Representante no *Board da International Psychoanalytical Association - IPA* para a América Latina.

às nuances e aprofundamento nos mistérios do espírito humano, longe dos limites teóricos em que muitas vezes se perde o ato de descobrir ou inventar na rotina da prática.

A literatura não é um ornamento mais ou menos prescindível para que um analista se perceba culto, é na verdade uma das matérias centrais para sua preparação, uma das pedras mais rigorosas na qual afiar seu instrumento, um território no qual precisará beber de sua fonte para novas descobertas. Não é à toa que Freud considerou que os estudos literários deveriam ter um lugar privilegiado na formação do psicanalista.

A psicanálise não é literatura, embora cada paciente talvez o faça, desdobrando *o romance familiar*; construindo ao nosso lado uma ficção, auxiliada por outro imenso aparelho fictício, a própria psicanálise, que torna a sua vida mais vivível.

A psicanálise também não é uma filosofia. Entre outras coisas, nos diferencia o nascimento do objetivo que é quase restrito à nossa incumbência. Mas é difícil pensar em Freud sem Schopenhauer ou Bion sem Kant ou Lacan sem Hegel ou sem Platão ou sem Wittgenstein. Embora cada analisando deitado em um divã não faça mais do que questionar-se as mesmas perguntas, encarnadas em uma formulação particular, que os filósofos tentaram responder por vinte e seis séculos. Como se a psicanálise pudesse ser imaginada como uma *micro filosofia*, ou como se a própria filosofia fosse uma disciplina construída em torno de questões neuróticas, não tão diferentes talvez de questões existenciais...

Ambas as disciplinas, a filosofia e a literatura, estão à frente da psicanálise, mesmo que somente pelo fato, diante de nosso modesto século de existência, de elas estarem lá há milênios.

O analista é impensável sem o filósofo ou o escritor. Ambos o precedem de forma lógica e cronológica. Ambos podem prescindir da psicanálise não sem perda, diríamos nós - podendo assim continuar suas aventuras sem ele. Se eles ainda não o fizeram<sup>4</sup>, somente em termos de miopia ou

---

4. É possível notar a marca das andanças de Freud em boa parte da filosofia e da literatura contemporânea (Althusser, Badiou, Žižek, Derrida, ou Sebald, ou Kureishi ou Hustvedt... para citar apenas alguns).

arrogância poderíamos deixar de lado o mapa imensurável da filosofia e da literatura. O ponto é como beber dessas águas sem imitar, diluindo a especificidade de nossa leitura. Quem poderia nos assegurar - imaginemos por um momento um arqueólogo das ciências que, no futuro, tentaria traçar algumas práticas já desaparecidas - que a psicanálise não será confundida com alguma estranha escola filosófica, mais ou menos mística? Ou que a psicanálise não acabará sendo assimilada, como Borges disse ironicamente, a um ramo de literatura fantástica...

A psicanálise tem fundado, com seu método, um território que lhe pertence. Um território disputado se você quiser, uma área de fronteira difícil de definir e reivindicada por várias disciplinas soberanas (Piglia recordou: A relação entre psicanálise e literatura é tensa porque os escritores sempre sentiram que a psicanálise falou de algo que eles já sabiam, mas sobre o qual era melhor permanecer em silêncio). Encontrar-nos aqui também implica uma aposta de que a psicanálise não termine sendo, na pesquisa hipotética do nosso arqueólogo do futuro, uma curiosidade ocidental, um ritual praticado por habitantes de grandes cidades que gostavam de procurar um psicanalista como outros fizeram com xamãs ou feiticeiros, como nos tempos antigos, eles estavam indo em direção aos mestres filosóficos ou aos oráculos, para conhecer o seu futuro pelo contato com sua história. Sonhamos para nossa ciência um futuro diferente do da alquimia ou astrologia que, recordemos, em seu tempo gozou de tanto ou mais prestígio - com o sonho de imortalidade que geralmente vem junto a isso - do que a psicanálise.

Qual é esse território da psicanálise ao qual nos referimos? Seu lugar, paradoxalmente, é *extraterritorial*. Diante da ciência, apesar de nossos esforços, e diante da religião, assim como da filosofia e da literatura. Que o seu estatuto científico é pelo menos problemático não a torna uma fraude; que a sua transmissão é, de alguma forma, fundamental, de divã em divã, não a transforma, pelo menos não deveria, numa prática esotérica ou religiosa. Ao renunciar a qualquer *Weltanschauung*, como Freud queria, ela se desliga da filosofia, e o fato de que as histórias psicanalíticas são lidas

como romances não as tornam novelas. Que estejamos permanentemente definindo e especificando e nos perguntando sobre as dimensões da psicanálise apenas confirma que o território em que ela vive está em disputa e não está claramente delimitado.

Assim, se a psicanálise fosse uma prática *mestiça*, e enquanto não pudesse renunciar à sua dívida, à sua alimentação, ao estimulante ferrão das disciplinas como a literatura e a filosofia sem ser nem a literatura nem a filosofia, o que a tornaria diferente, qual seria, se realmente houver, a sua especificidade?<sup>5</sup>

### **A dimensão clínica da psicanálise**

Embora a psicanálise seja uma disciplina que pertence à área da cultura, à mais humana dos territórios humanos, e como tal ultrapassa o espaço estreito de um consultório, a dimensão mais psicanalítica da psicanálise, vale a tautologia, é a clínica.

Não porque a prática clínica é essencial para falar de psicanálise, mas porque qualquer especulação que atraia o aparelho conceitual psicanalítico foi regado, em suas origens e em cada momento, nesse território impossível, sempre em risco, de resistência, de subversão, de preciosa particularidade, que é o espaço de um sujeito deitado sobre um leito que fala do seu sofrimento, diante de uma escuta que tenta renunciar aos seus pressupostos, aos seus preconceitos, ao seu desejo de dominação, dando espaço a perguntas que não têm lugar em outro local (e assim, neste exercício, como quem não quer nada, talvez algum sofrimento seja mitigado, algo novo pode se desdobrar). Que a gente conheça muito sobre este dispositivo, por passar muito tempo de nossa vida imerso nele, encima ou atrás de um divã, não deve nos fazer perder de vista sua estranheza radical, estranheza que em alguns momentos privilegiados os analisandos geralmente também a percebem.

---

5. O que não coloca um tema menor, pois como produto de uma conjunção assim poderiam parir-se aberrações. Basta como exemplo o da autoajuda, disciplina bastarda que toma o pior de cada casa: má literatura, má filosofia, psicanálise reduzido a uma psicologia...

Porém voltando: Qual clínica? Como não poderia ser de outra forma, é uma clínica caso a caso, o mais longe possível das limitações da avaliação ou do mercado, a partir da tentação de transformar os nossos divãs em leitos de procusto normalizadores. Também não é uma matéria especulativa, porém se adequa (ou não se adequa, na verdade) como possível ao sofrimento humano. Ao sofrimento humano, diante do sofrer em excesso. Isso inclui, naturalmente, o conforto naquele sofrimento, o prazer agradável apenas dissimulável do gesto dolorido de quem se queixa e não por isso, não por gozar nesse lugar de sofrimento, disfarça esse padecer de vícios de infartos mentirosos. Não por se referir a um prazer secreto a dor é menos verdadeira. Mas este sintoma de anfíbio nos permite apreciar a dificuldade da sua abordagem: não há espaço para boas intenções, nem para caridade, nem para ingenuidade, muito menos para o *furor do curandi*. É sobre algo a mais.

Como alguém, relativamente comum, muitas vezes mais neurótico, pelo menos no ponto de partida, do que a média populacional, pelo simples fato de sua formação, pode chegar ao ponto de ser um operador eficaz dessa matéria tão inflamável quanto evanescente que é o inconsciente? Só porque alguém assim, um analista, desenvolveu uma habilidade de escuta que surpreende aqueles que se entregam a ela, uma escuta que renuncia tanto à memória quanto à ambição, uma escuta que abandona tanto o preconceito quanto a experiência, uma escuta singular, para medir o dispositivo inventado por Freud e, por outro lado, absolutamente inútil, inválido inclusive, fora de suas coordenadas específicas.

Se pensarmos que é uma proximidade à clínica que definiria a psicanálise, podemos tentar determinar mais precisamente o tipo de clínica em questão. Quais seriam, então, as características, se não suficientes, ao menos necessárias, inerentes à dimensão estritamente psicanalítica da psicanálise, ou seja, as que tornam a psicanálise única, e diferente de qualquer forma de psicoterapia? Podemos tentar listar algumas.

A clínica da psicanálise é da *linguagem*. Foi salientado que existem

muitas leituras possíveis em Freud<sup>6</sup>, mas talvez a melhor forma de se adequar à encruzilhada apresentada pela clínica seja a leitura do *linguajar Freudiano*. Somos sujeitos de linguagem, habitamos nela e somos habitados por ela, e Lacan destacou – a essa altura não se trata de nenhuma novidade – que o inconsciente está estruturado como uma linguagem e se alguma coisa pode ser entendida, é o que foi escrito por Freud a partir daí. Trabalhamos com (e sobre) a linguagem, é o nosso bisturi e a carne que cortamos. Há também outros instrumentos, mas a linguagem passa por todos eles. Isso significa que os afetos não estão presentes na prática da linguagem psicanalítica? Não deveria ser assim. Por outro lado, a psicanálise é impensável se não for concebida como uma experiência amorosa, um amor que se dissipa, é verdade, mas ao final de contas amor. Também nos perderíamos se a concebermos *somente* como uma experiência amorosa. É impensável também que a análise não toque nem atravesse o tempo todo a experiência da angústia, que, se houvesse um Olimpo dos afetos, certamente estaria no lugar de Zeus. Agora, se a psicanálise não é considerada uma disciplina esotérica, incerta, além de indescritível, é porque a linguagem classifica os afetos, e na mesma medida que aplica seu selo os perverte, os deixa incompletos fazendo-os ao mesmo tempo possíveis. O território da psicanálise é constituído de linguagem até o ponto em que a mesma se revela impotente, até alcançar esse contorno que vai além, esse espaço do real que, se existe, também é graças a ela.

A clínica psicanalítica, fora do campo da boa vontade, é *sagaz*. Neste momento, sabe-se o conselho dado por Freud a Oskar Pfister, o pastor protestante, um bom homem: “Sem um pouco dessa qualidade de transgressor, não se obtém um resultado correto”<sup>7</sup>. Só assim, renunciando a qualquer

---

6. Assim como pode lê-lo em chave biológica ou sociológica ou inclusive psicológica, e toda operação de leitura, se é coerente em si mesma, encontra sua validade nesse caldo de uma riqueza heurística inusitada como é o pensamento de Freud (Braunstein).

7. Freud escreve textualmente: “É preciso se tornar um mal sujeito, transformar-se, renunciar, comportar-se como um artista que compra pinturas com o dinheiro das contas de sua mulher, ou que faz fogo com os móveis para que não sinta frio seu modelo. Sem um pouco dessa qualidade de malfeitor não se obtém um resultado correto” (Freud, S., Pfister, O., op. cit., p. 36).

«Banalidade do Bem»<sup>8</sup> - poderíamos dizer, parafraseando Hannah Arendt - de uma determinada ética particular associal, se obtém algum resultado de acordo com Freud. Assim, em um paradoxo apenas aparente, quanto mais *desalmado* se mostre o analista, quanto menos ele lide com o “Bem” de seu analisando e quanto menos caritativo e bondoso ele for para seu paciente, *melhor* lhe fará.

Longe de qualquer caricatura de insensibilidade e silêncio, mas com a necessária contenção e abstinência, a psicanálise é uma práxis na qual o analista participa ativamente do trabalho realizado pelo analisando. Como? Eu gosto de pensar em seu envolvimento com uma metáfora usada por Charles Melman. Esse, afirmando a impossibilidade do analista se colocar como observador científico, asséptico e externo ao que acontece no analisando, o comparava com o flogisto. O flogisto, que provém da palavra grega que designa o inflamável<sup>9</sup>, era um princípio imaginário, alquímico, um ingrediente essencial para que algo queime. O analista, diz Melman, é o flogisto, ele queima com seu analisando. Ele também queima com seu analisando, de corpo e alma, envolvido tanto com as regras de seu trabalho como com o destino de seu paciente. Mas ao mesmo tempo, como eles acendem com seu fogo, o fogo do analisando, - o desejo do analista na origem de tudo - desaparece, no mesmo ato. O destino do flogisto é desaparecer, é a substância que é consumida na combustão. O que resta desse ato será um sujeito, com suas tribulações, com seu desejo, *diferente* a ele, que possa ser pensado um dia, mais ou menos próximo, *sem ele*.

A psicanálise é uma prática *profana*. De várias formas: por um lado, oposto ao religioso, embora haja algo nas formas de agrupamento de analistas que parecem sempre derivar para formas de se religar mais típico de uma igreja. Por outro lado, como oposto a *douto*. Sabemos que não há maior

---

8. É preciso atenção em psicanálise -também na vida- para as boas intenções, que sempre pugnam por fazer-se um lugar, tentação sempre presente em um ofício no que todo o tempo nos vemos com sujeitos doloridos, temerosos, divididos...

9. O flogisto era concebido como uma substância incolor, inodora, insípida e desprovida de peso que era libertada durante a combustão. Após ter ardido, a substância “desflogisticada” adquiriria a sua forma “verdadeira” (s. XVII).

obstáculo para escutar alguém do que instalar um artefato doutrinário entre nossos ouvidos e seus lábios. O trabalho teórico árduo é essencial, mas apenas para “esquecê-lo” no momento certo. Contra toda a necessidade e conveniência Freud quebrou lanças publicamente para defender Theodor Reik no julgamento que foi iniciado pelo exercício ilegal da medicina. Pensava que ao defender a análise profana estava defendendo a análise.

Faz falta em nossas instituições - hoje, quando somos quase todos médicos ou psicólogos - a comunidade inconfessável de humanistas, espíritos inquietos, filósofos, sociólogos ou religiosos que está na origem do território especificamente psicanalítico. A prática inventada por Freud, que gostava de se definir como um “vilão herético” ou como um “herege imperitante”, é intrinsecamente profana, pois também é um ato de profanação: cavar histórias, questionar certezas, bombardear ideais, violentar mandatos geracionais. Tal prática, heterodoxa e questionadora, tanto através de uma ingenuidade laboriosa na escuta, como através de uma prática de suspeita, só poderia estar nas mãos de analistas laicos e profanos.

A clínica da psicanálise também é uma questão de *fracassados*. Vivemos em um momento em que o culto ao sucesso tem tirado o lugar de qualquer outra religião. E como qualquer outro culto, ele conta com suas variantes moderadas ou fundamentalistas. Esta nova cosmovisão religiosa aplica-se a tudo e a todos e é realmente difícil escapar do padrão arrogante e irritante do sucesso. Também se destina medir a psicanálise a partir daí: qual é a sua eficácia? Qual é sua eficiência? Da mesma forma, os sujeitos que nos consultam, medidos através da mesma régua, padecem desta corrida contra o tempo, em busca de um sucesso escorregadio que sempre se revela mais precário do que era suposto. O sofrimento pode acompanhar tanto aqueles que o alcançaram, quanto aqueles que se agitam ansiosos e de forma fracassada em torno a ele. Trabalhamos com isso. E do nosso lugar privilegiado para descobrir certas dinâmicas sociais - um consultório analítico também é isso - nós notamos que raramente, se uma análise é verdadeira, seus protagonistas a medem em termos de sucesso. Mesmo uma cura supostamente bem-sucedida não é definida assim pelos *partenaires*.



Aqueles que são analisados sabem que um sintoma incapacitante pode ser resolvido, o que não garante que outras situações não possam se tornar sintomáticas. Ele também sabe como uma mudança pode ser crucial na posição subjetiva, mais além inclusive da subsistência de algum sintoma. O sucesso como critério de avaliação pressupõe a extirpação do conflito da vida anímica, precisamente o conflito que a psicanálise reintroduz resgatando-o do seu exílio na patologia. Um analisando advertido descobre que por trás de cada sucesso aparente, egóico ou superegóico, subjaz um fracasso possível, e o título de Freud “Os que fracassam ao triunfar”, deveria ir além da casuística de seus exemplos. Mesmo no final de uma cura bem-sucedida, o ânimo que atinge os sujeitos não é de conversa fiada. Sob diferentes modos de teorização se percebe nos finais de análise um sinal de tristeza, de encontro com o fracassado, com o incompleto, com o desmoronado. É por isso que a palavra sucesso não é usada para descrever processos que, no entanto, consideramos bem-sucedidos. Frente a isso talvez nos gere alguma inveja a estridente satisfação de si mesmos com a que costumam terminar os protagonistas de algumas curas não analíticas... A psicanálise é uma prática refratária ao sucesso, e lhe é mais próxima a noção de fracasso. Não há nada mais ridículo que uma análise que se sinta de sucesso, e só nos cabe lembrar a aposta de Freud - transformar misé-rias neuróticas em infortúnios correntes - para ver o quanto a psicanálise se sustenta em uma certa ética do fracasso.

As curas das quais Freud extraiu mais ensinamentos foram geralmente curas que não deram certo. As análises dos pioneiros foram de algum modo análises fracassadas: a de Freud com Fliess, a de Anna Freud ou a de Ferenczi com Freud, a de Melitta Schimideberg com sua mãe Melanie Klein, a de Lacan com Löewenstein... Análises defeituosas, incompletas, que, no entanto, como foi dito<sup>10</sup>, deixavam um resto que impulsionava os desenvolvimentos, as pesquisas, a aventura intelectual daqueles que emergiam como podiam dos divãs que frequentaram. Octave Mannoni

---

10. Braunstein, N., 1994.

- dizia, qualquer analista sabe - que os fracassos nos ensinam mais do que os êxitos, desde que os reconheçamos como tal. Seria possível inverter o texto de Freud e falar dos que *triumfam* ao fracassar. Não nos referimos aqui a um gozo secreto do fracasso - não raro de observar, por outra pessoa -, mas sim ao encontro com o fracasso que muitas vezes significa também o reconhecimento de um desejo, a queda de identificações alienantes, os rabiscos que antecedem um projeto próprio.

### **Psicanálise estrangeira**

Talvez se lembrem de um filme que foi lançado há alguns anos atrás, com o título “Um divã em Nova Iorque”. Em tom de comédia, narra uma troca de casas entre um analista ortodoxo nova-iorquino, protagonizado por William Hurt, e uma jovem boêmia parisiense, personagem que encarnava Juliette Binoche. Trata-se de uma comédia romântica menor, talvez em termos cinematográficos, mas ali a diretora conseguiu captar algo da especificidade da psicanálise, difícil de filtrar em termos conceituais. O interessante é que quem ensina algo sobre esse lugar problemático e frágil, o de analista, não é o personagem que encarna o eminente psicanalista nova-iorquino, pulcro e respeitoso das regras do ofício que praticamos, mas sim o outro, o da ignorante intrusa francesa. O que acontece? Pois que o personagem de Juliette Binoche, já instalada na casa-consultório de Manhattan, se vê colocada por um paciente precipitado, que seguramente ignorava que seu analista havia tirado férias, ela mesma no lugar de analista. Com honestidade, a jovem tenta dizer ao paciente, que já se deitou em um divã e começou a falar, que ela não é analista, e que a pessoa a quem procura o sofredor neurótico está em Paris...

O que não impede que o paciente comece a exibir seus tortuosos fantasmas para Binoche, que se senta no sofá atrás do divã. Depois desse paciente, chega outro, e outro e outro. Mesmo pacientes novos que não estão dispostos a esperar o retorno do renomado analista que, nesse momento, sem saber o que acontecia, continua em Paris. A analista profana,

porque a essa altura é isso mesmo, soube, entretanto, *deixar-se levar pelos pacientes a um lugar de escuta particular*, onde não aconselha nem fala de si mesma. Tal como aconteceu a Freud com suas primeiras histéricas, se deixa arrastar, permite que os pacientes lhe ensinem, se deixa conduzir ao lugar que convém a um analista e, ajudada pelo discreto silêncio no que se envolve e por seu apenas rudimentar manejo do inglês, é surpreendida por exercer efeitos terapêuticos. Seus, a esta altura, analisandos melhoraram, se desfazem de certo mal-estar, entusiasmam-se sem estranhar, ao que parece, ao prolixo analista desaparecido. Alheia a qualquer formato de comportamento analítico e a qualquer tipo de formação, apenas com a sua escuta estrangeira, quanto à nacionalidade e à língua, evidentemente, mas também no que se refere a uma modalidade ativa, ingênua e ao mesmo tempo diferente de escuta, a personagem de Binoche consegue a instalação de uma transferência intensa e efeitos terapêuticos surpreendentes. O filme é uma fábula, mas enquanto tal ensina algo que perpassa à eficácia da posição do analista, que não passa nem pelas investidas profissionais, nem pela árdua formação, nem por seus conhecimentos técnicos, mas, cabe pensar, por certa qualidade de estrangeirismo.

Se o lugar a ocupar pelo analista é um lugar estrangeiro, estranho (se nos deixamos guiar pela lógica do dispositivo analítico, é mais uma descrição do que uma prescrição), é também porque a psicanálise como disciplina é um saber estrangeiro.

Gershom Scholem recordava<sup>11</sup> que Freud, Kafka e Benjamin jamais acabaram de se identificar com a língua alemã através da qual, no entanto pensavam e forjavam suas obras, eram conscientes de uma certa distância. E se não se identificavam com seu ser alemão, não era para identificar-se com seu ser judeu. Encarnavam - sem deixar de ser judeus ou de falar alemão - a estranheza frente a qualquer pertencimento. “Vinham de lugares estrangeiros - recorda Scholem -, e o sabiam.”

---

11. CIT. Em Wohlfarth, I., p. 20.

Freud<sup>12</sup> era um estrangeiro no coração do antigo império Austro-Húngaro. E foi assim desde a *Splendid Isolation* ao que o havia condenado à ciência do seu tempo, pelo que produziu a sua formidável invenção. A distância de ser estrangeiro no seu próprio país não foi um ingrediente menor na fórmula da sua descoberta.

Como um eco que talvez tenha um certo caráter estrutural, boa parte dos grandes pensadores em psicanálise foram emigrados, estrangeiros: Melanie Klein, Anna Freud na Inglaterra, Hartmann, Kris e Löewenstein, os fundadores da psicologia do ego nos Estados Unidos, também nos Estados Unidos Heinz Kohut e Otto Kernberg, nascido em Viena e formado no Chile, na Argentina Marie Langer, Ángel Garma, Pichon-Rivière, que mesmo tendo nascido aqui adquiriu, segundo conta, essa qualidade de estrangeirismo sendo criado entre o guarani e o francês de seus pais. Quando esse estrangeirismo não se produz, digamos naturalmente, podemos encontrá-lo: poderia pensar-se assim a fuga de Bion, sobrecarregado pelo peso das medalhas, para Los Angeles. Talvez não devesse ser imprescindível fugir da guerra ou do genocídio ou da glória para produzir conhecimento analítico, mas parece ser necessário procurar algum grau de estranhamento. Nesse sentido, um analista teria que repetir no processo de sua formação, fundamentalmente em sua análise, esse estranhamento que permitiu a Freud escutar *outra coisa* no mesmo que escutavam todos em sua época<sup>13</sup>.

Lacan<sup>14</sup>, “exceção francesa”, não emigrou a nenhum lado. No entanto, não lhe parece alheia a percepção de que algo decisivo estava em jogo do lado dos estrangeiros. Há uma anedota a respeito: ao que parece, a

---

12. Freud, o explorador de um continente que ao descobrir devia nomear e colonizar, vive em cada um de nós e as apelações a ele como fundador de um campo particular, o da psicanálise, longe de constituir uma cedência ou de implicar a ausência de progressos na análise, é de alguma maneira inevitável.

13. Cada analista no começo de sua prática - nos recorda O. Mannoni - recapitula de alguma maneira a história da psicanálise, e há de saber encontrar dentro de si esse olhar estranho.

14. Em Lacan, o estrangeiro ocorre em termos institucionais, face à IPA, que o exclui da sua função didática. Ele mesmo se identifica com Spinoza depois da “excomunhão” por parte de sua comunidade.

comunidade judaica<sup>15</sup> de Estrasburgo pede a Lacan que lhes envie um analista. Este toma nota do pedido e lhes envia um. Certa lógica que parece imperar em psicanálise, embora não só ali, poderia fazer pensar que Lacan haveria de recomendar-lhes um analista judeu, ou ao menos de sobrenome judeu, ou pelo menos vinculado de algum modo com os judeus, que possa entendê-los... Nada disso. Remete-os a um psicanalista, de sua confiança, claro, mas... árabe: Moustaphá Safouan<sup>16</sup>. Além das intenções de Lacan, que permanecem fora de nosso alcance, volta a advertir-se ali um ponto interessante, o que situa o analista em um lugar radicalmente estrangeiro frente ao analisando.

Como afirmam Deleuze e Guattari falando de Kafka, trata-se de “estar na própria língua como um estrangeiro”<sup>17</sup>. Tratando-se de uma prática de linguagem como a nossa, é inevitável conhecer o idioma em que o paciente fala. Mas tão inevitável como isso, e aqui abandonamos o terreno do óbvio, é que tratamos o castelhano do paciente -mesmo sendo o nosso - como um idioma estrangeiro. Muitas vezes nos esforçamos sem saber para conseguir essa distância, a única que permite sair das falsas complacências, dos entendimentos falidos, fazer lugar ao radical equívoco inerente a qualquer língua, e buscar a interpretação, ou melhor dito encontrá-la, que permita ao paciente ouvir-se de maneira diferente. Talvez se trate apenas de oferecer certa resistência à tentação de compreender com imediatez (contra a qual Lacan, mas também Bion, nos alertaram), e uma pergunta de profunda atualidade política nestes tempos de terror: como tornar próximo o mais estranho ou diferente? Deve transformar em psicanálise a sua contraparte: como tornar estranho o mais próximo?

Do ponto de vista que defendemos, o lugar do analista tem mais afinidade com o do apátrida do que com o de um técnico especialista no

---

15. Não é por acaso que retorna o significante judeu, pois talvez - diáspora mediante - encarne como poucos esse estrangeirismo ao que aludimos, e talvez não seja aleatório pensar que a grande quantidade de judeus que militam nas fileiras da psicanálise, de um lado ou outro do divã, tenha algo a ver com isso. No seio de uma ortodoxia, ou de uma nacionalidade, talvez o judeu deixe de encarnar o estrangeiro...

16. Miller, p. 141.

17. Deleuze, G. e Guattari, F., p. 43.

inconsciente, tanto quanto outros podem sê-lo do aparelho digestivo. Só que é difícil renunciar às virtudes pacificadoras da imagem, do reconhecimento mútuo - um dos escassos direitos que a legislação internacional garante a cada sujeito, pelo simples fato de habitar neste mundo, é o de ter uma nacionalidade - para nos tornarmos estranhos, estrangeiros, tanto na frente dos nossos analistas como de nós mesmos. Isso faz o inconsciente, nos converte em estrangeiros mesmo na própria casa<sup>18</sup>.

Em nosso ofício se trata de um “apátrida” procurado, do lugar do apátrida, incôfortável, incômodo e incomodante. A posição<sup>19</sup>, é mais do que uma investidura do estrangeiro que não consegue compreender a língua em que é falada, mesmo sendo a sua. Não poderia ser de outra maneira, se concordamos em que o território da psicanálise é de fronteira e está em disputa, que seus cidadãos sejam apátridas, estrangeiros aonde quer que vão.

Mas, já para concluir, é de seu estrangeirismo de onde a psicanálise extrai um caráter paradoxal que, afetando retroativamente todos os traços que tenho pontuado, faz a sua preciosa originalidade:

- Para curar nos esquecemos de curar, confiando em que a cura sobrevirá por acréscimo.

- Pelo “bem” do paciente, nos comportamos frequentemente como impiedosos malfeitores.

- Atendemos à linguagem para precisar os afetos e nos envolvemos ao máximo nas curas só para desaparecer ao final destas.

- Ensaíamos cruzamentos férteis com outras disciplinas para encontrar aquilo que particulariza a abordagem psicanalítica e renunciamos à memória só para procurar-nos, via atenção flutuante, uma memória gigante digna da admiração de nossos pacientes.

- Por meios profanos ou heterodoxos (para a ciência, para a religião) preservamos a dimensão mais sagrada da experiência do inconsciente.

---

18. Ver, Kristeva J., obras citadas na Bibliografia.

19. Sempre situacional, em precário equilíbrio, não faz uma identidade coagulada, assim como a definição de “analista”.

- E, finalmente, aprendemos na escola do fracasso, da *infelicidade na cultura*, o gozo das pequenas e limitadas, mas não por isso menos valiosas, vitórias que nos aguardam.

#### A ISSUE OF FOREIGNNESS

ABSTRACT: Although psychoanalysis is a discipline that belongs to the area of culture, the most human of human territories, and as such goes beyond the narrow space of an office, the most psychoanalytical dimension of psychoanalysis, worth the tautology, is the clinic. Not because clinical practice is essential to talk about psychoanalysis, but because any speculation that attracted the psychoanalytic conceptual apparatus was watered, in its origins and at each moment, in this impossible territory, always at risk, of resistance, of subversion, of precious particularity. , which is the space of a subject lying on a bed who talks about his suffering, in front of a listener who tries to renounce his assumptions, his prejudices, his desire for domination, giving space to questions that have no place elsewhere .

KEYWORDS: culture, psychoanalysis, human suffering, foreigner.

#### UNA CUESTIÓN DE EXTRANJERÍA

RESUMEN: Si bien el psicoanálisis es una disciplina que pertenece al área de la cultura, el más humano de los territorios humanos, y como tal va más allá del estrecho espacio de una oficina, la dimensión más psicoanalítica del psicoanálisis, valga la tautología, es la clínica . No porque la práctica clínica sea imprescindible para hablar de psicoanálisis, sino porque cualquier especulación que atrajo al aparato conceptual psicoanalítico se regó, en sus orígenes y en cada momento, en este territorio imposible, siempre en riesgo, de resistencia, de subversión, de preciosa particularidad. ., que es el espacio de un sujeto acostado en una cama que habla de su sufrimiento, frente a un oyente que trata de renunciar a sus suposiciones, a sus prejuicios, a su deseo de dominación, dando espacio a preguntas que no tienen cabida en otra parte.

PALABRAS CLAVE: cultura, psicoanálisis, sufrimiento humano, extranjero.

#### REFERÊNCIAS:

- Braunstein, N., *Freudiano y lacaniano*, Manantial, Bs. As., 1994.  
Freud, S., ¿Pueden los legos ejercer el análisis? Diálogos con un juez imparcial (1926), *OC*, AE, T. XX.  
Deleuze, Gilles y Guattari, *Félix, Kafka. Por una literatura menor*, Era, México D.F., 1975.  
Freud, S., Pfister, O., *Correspondencia 1909-1939*, Fondo de Cultura Económica, México D.F., 1966.  
Kristeva, J., *La revuelta íntima*. Literatura y psicoanálisis, Eudeba, Bs. As., 2001.  
Mannoni, O., *El diván de Procusto*, Nueva Visión, Bs. As..  
Miller, J.-A., *Cartas a la opinión ilustrada*, Paidós, Bs. As., 2002.  
Weil, A.-D. et al., *Quartier Lacan. Testimonios sobre Jacques Lacan*, Nueva Visión, Bs. As., 2003.

Uma questão de estrangeirismo  
Mariano Horenstein

Wolhfarth, I., *Hombres del extranjero*. Walter Benjamin y el Parnaso judeoalemán, Taurus, México D.F., 1999.

[mmhorenstein@gmail.com](mailto:mmhorenstein@gmail.com)